



A ESCRITA DE SI: ROMANTISMO E MELANCOLIA NAS CARTAS DE JÚLIA DA COSTA

Jeniffer Thalia do Prado da Costa (UEL)¹

A inteligência nas mulheres é um dom fatal. (Júlia da Costa)

Resumo: Durante séculos as mulheres sofreram apagamentos e silenciamentos em todas as esferas, desde decisões sobre a vida particular a ascensão no campo literário, como foi o caso da poetisa Júlia da Costa. Julgada por não corresponder aos padrões estabelecidos socialmente as mulheres no século XIX, a poetisa das rosas, como era conhecida, manteve um romance por meio de cartas com o poeta Benjamin Carvoliva. A partir das correspondências da poetisa, este artigo visa tecer reflexões sobre a condição feminina no século XIX e como Júlia da Costa rompeu com arquétipos femininos de sua época. Além disso, discutiremos sobre como as cartas da poetisa correspondem ao gênero epistolar, acerca das cartas de amor, do período Romântico. Para tanto, utilizamos como embasamento teórico os pressupostos de Zolin (2009), Lima (1953), Diaz (2016), Barthes (1981), Lyons (1998), entre outros.

Palavras-chave: Condição feminina. Romantismo. Cartas de amor.

Abstract: For centuries women have been erased and silenced in all spheres. From the decisions about their private life to the ascension in the literary field, as was the case of the poet Júlia da Costa. Judged for not achieving the social standard determined for women in the 19th century, the roses poetess, as she was known, maintained a romance through letters with the poet Benjamin Carvoliva. Based on the poet's correspondence, this article aims to reflect on the female condition in the 19th century and how Júlia da Costa broke the female archetypes of her own time. In addition, we will discuss how the poet's letters correspond to the epistolary genre about the love letters from the Romantic period. Therefore, as a theoretical basis we used the studies of Zolin (2009), Lima (1953), Diaz (2016), Barthes (1981), Lyons (1998), among others.

Keywords: Female Condition. Romantic Period. Love Letters.

1 Introdução

Sou como a rosa do tufão batida. (Júlia da Costa)

A poetisa Júlia Maria da Costa, ou apenas Júlia da Costa como é conhecida, é considerada um dos grandes nomes da poesia romântica brasileira, embora suas obras não sejam tão conhecidas e estudadas no contexto acadêmico e no espaço escolar. Nascida em Paranaguá/PR, no dia 1º de julho de 1844, começou a escrever poemas desde muito jovem. A

¹ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina/Paraná/Brasil. E-mail: jenifferpradocosta@gmail.com



sua produção poética revela os abismos mais profundos de sua existência, os versos e as cartas desvelam seus amores, dores, saudades e medos, o que está em consonância com a estética do Romantismo, no século XIX.

A biografia de Júlia da Costa apresenta aspectos conflitantes sobre sua carreira como poetisa e vida pessoal. Há alguns estudos e artigos que a retratam sob diferentes perspectivas, porém, todas apresentam um ponto em comum: a poetisa foi uma mulher muito inteligente e enigmática. O estudo que tem maior destaque sobre a vida de Júlia é o de Rosy Pinheiro Lima, em que ela discute sobre a biografia da poetisa a partir das quarenta e quatro cartas² escritas por ela ao seu grande amor Benjamin Carvoliva e para alguns membros da família. Na visão desta estudiosa, a poetisa foi uma mulher que viveu intensamente e não tinha medo de se arriscar. O amor vivido apenas por cartas, com o então também poeta Benjamin Carvoliva, lhe rendeu dores profundas, já que ele nutria o sentimento por ela apenas por meio de palavras, nunca chegando a concretizar os planos traçados e sonhados por ambos: o de fugir e deixar a vida que a família queria que cada um tivesse (ele supostamente predestinado a vida como sacerdote e Júlia em busca de um casamento sucedido com um homem de família rica). Com o abandono do amado, a poetisa das rosas, como é considerada por diversos críticos literários, passou a escrever febrilmente e frequentar muitas festas. De acordo com Rosy Pinheiro Lima (1953), a poetisa vivia:

[...] desiludida e descrente, sempre elegante, um sorriso nos lábios, colaborando no periodismo literário da época, discutindo política nos serões do sobrado, brilhando nas festas e bailes, aparentemente feliz, desde que se não tivesse o cuidado de decifrar a tristeza dos olhos tão grandes, mergulhados nas sombras de tantos sonhos, guardando avaramente o seu segredo. (LIMA, 1953, p. 114)

O descontentamento e a tristeza de Júlia da Costa aparecem em uma carta trocada com o seu tio, nomeado apenas como Ricardo: “Estou um tanto cansada da festa, novenas, missas e dois bailes seguidos. Bem sabe que é preciso a gente atordoa-se para viver; o mundo é tão triste que é preciso esquecermos a realidade para afagarmos a ilusão.” (Carta datada de 16 de setembro de 1882).

² O estudo de Rosy Pinheiro Lima se deu por meio das 44 cartas cedidas pela família da poetisa Júlia da Costa. Este número não representa a quantidade total de cartas trocadas entre Júlia, alguns familiares e o poeta Benjamin Carvoliva, já que as únicas que foram guardadas são as que foram escritas pela poetisa. As cartas de Carvoliva foram destruídas por sua família, de acordo com os membros familiares de Júlia. No intuito de preservar as cartas da poetisa, a estudiosa Rosy Pinheiro Lima teve que realizar cópias (na época, a mão) das cartas que teve acesso. Ela afirma que realizou cópias fiéis ao conteúdo. A maioria das cartas não apresentam datas.



As cartas de amor trocadas entre Julia da Costa e Benjamin Carvoliva revelam uma imagem de uma mulher forte, audaciosa e corajosa, que rompeu com os preceitos de sua época. Aos trinta anos, a poetisa não tinha receios de assumir um posicionamento que não era visto como ideal para as mulheres de sua época. O seu romance, mantido apenas por cartas e, posteriormente, o casamento com um homem mais velho que não amava é refletido em toda a sua produção poética. Vista como um espírito que gritava por liberdade, Júlia revelou o mais íntimo de sua personalidade e convicções nas cartas e poesias, que dialogam entre si, e mostram que ela foi uma mulher sem medo de ser quem era, porém, na mesma medida, impedida de viver tudo da forma que gostaria. As poesias da poetisa foram publicadas em dois livros intitulados: *Flores dispersas (1ª série)*, no ano de 1867, e *Flores dispersas (2ª série)* em 1869. Já as suas cartas foram reunidas e transcritas, de modo fiel ao original, pela pesquisadora Rosy Pinheiro Lima e divulgadas no livro *Vida de Júlia da Costa*, em 1953.

As poesias e cartas de Júlia da Costa revelam uma melancolia exacerbada, uma das características da época em que ela estava inserida, a do Romantismo. A tristeza, o amor e o estado de melancolia constantes estão interligados nas temáticas apontadas no conjunto de poemas e cartas. Diante disso, a vida da poetisa pode ser dividida em três fases: a de esperança no amor nutrido por meio de cartas com o seu objeto de amor impossível; a de desesperança e abandono por parte do amado; e, por último, a de loucura, após as decepções sofridas no amor e no casamento forçado.

A partir das correspondências de Júlia da Costa trocadas com Benjamin Carvoliva, este artigo visa tecer reflexões sobre a condição feminina no século XIX e como a poetisa rompeu com os padrões estabelecidos em sua época. Além disso, discutiremos alguns pontos de análise sobre como as cartas da poetisa correspondem ao gênero epistolar do século XIX, em pleno auge do Romantismo. E, por fim, reuniremos as principais características deste movimento literário, ao qual Júlia está inserida, em suas cartas.

2 A condição feminina no século XIX

Não pode uma flor que cresce entre estufas, sem sol, sem orvalho, estender seus ramos e perfumar os campos com os gratos perfumes das flores da primavera.
(Júlia da Costa)



A poetisa Júlia da Costa rompeu com os padrões estabelecidos em sua época para as mulheres. Ela ocupou espaços, demasiadamente, masculinos e tentou se lançar no âmbito literário com suas poesias. Filiada ao Romantismo, no auge no Brasil, a sua inspiração vem também do poeta Casimiro de Abreu, a quem teve um enorme carinho e admiração. As características mais recorrentes deste movimento literário se fazem presentes nos poemas de Júlia. As temáticas que se sobressaem, tanto em suas poesias, quanto em suas cartas, são: saudade (da sua cidade natal e de Benjamin Carvoliva), família, infância, natureza (principalmente imagens de rosas) e o amor. A ausência de diversas pessoas em sua vida, desde a figura paterna, diante do falecimento do pai, ao homem que amou por toda a vida, fizeram com que ela sempre escrevesse com uma carga emocional intensificada. Todos os problemas enfrentados ao longo da vida da poetisa, a tornaram uma mulher resistente aos papéis estabelecidos socialmente, fazendo-a a romper com alguns estereótipos femininos.

Descrita por alguns pesquisadores como um modelo idealizado de beleza, correspondente ao padrão do século XIX, Júlia da Costa era vista como uma mulher atraente e muito inteligente. Entretanto, a sua inteligência não era bem vista aos homens com quem mantinha contatos em festas e reuniões, já que o papel feminino, neste momento, era o de cuidar do marido, dos filhos e não emitir opinião a respeito de qualquer assunto. Isto reflete acerca do papel social imposto as mulheres dessa época, que estavam condicionadas à instrução de que sempre “[...] educassem seus filhos e que fossem dignas companheiras de seus maridos, interessando-se pelo trabalho de casa e entretendo seu marido no lar” (ABREU, 2015, p. 16), não podendo, assim, ocupar outros espaços sociais, como escolas, por exemplo. A formação cabia somente ao homem, que poderia estudar e ter acesso a todos os lugares sem que houvessem questionamentos. Isso fez com que as mulheres fossem sofrendo, cada vez mais, apagamentos em todas as esferas.

O apagamento da figura feminina tirou a poetisa do cânone literário. Diversas mulheres que tentavam adentrar ao meio literário, tiveram que optar por outros caminhos, como, por exemplo, a utilização de pseudônimos masculinos para que suas obras fossem lidas e publicadas. Ainda assim, quando uma conseguia emergir, o seu reconhecimento não era dado e, conseqüentemente, suas obras caíam no esquecimento. O mundo literário, ocupado quase majoritariamente por homens, durante anos, demonstra que

Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita – só



podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através do aprendizado de ler e escrever em conventos. (LOBO, 1998, p. 5)

Apesar da grande relevância de Júlia da Costa no movimento literário ao qual está inserida, a sua produção e publicação de dois volumes de poesias não têm muitos estudos, tanto no ambiente escolar, quanto no acadêmico.

Com o espaço cada vez mais restringido em todos os aspectos, a mulher continuava passando por “[...] limitações de toda ordem, e oprimida pela ‘natureza feminina’ que a definia como ‘anjo do lar’, ‘maternal’ e ‘delicada.’” (DUARTE, 1994, p. 25). O seu papel social estava cada vez mais reduzido a quatro paredes de um lar, em que precisava de um homem para manter a casa financeiramente, enquanto o seu único papel era o de cuidar e educar os filhos, sem direito a escolher qualquer outro caminho que desviasse do seu destino de ser mãe e esposa.

Com a atribuição à reclusão ao ambiente familiar, com obrigações dispostas a cumprir, uma família para construir e um casamento para obter uma falsa “independência”, a mulher é levada e obrigada a constituir sua base familiar. Partindo de preceitos do patriarcado, a família tradicional era idealizada como um basilar para as relações sociais. Um homem deveria casar com uma mulher e formar uma família com vários filhos, em que o primeiro fruto da relação deveria ser um filho homem. Por poder desbravar o mundo, ao homem era condicionada a capacidade de estar no controle de algo e/ou alguém e, com isso, tinha aptidão para formar uma família. Já a mulher, era preparada a vida toda para servir ao futuro marido, uma vez que o seu sucesso estava vinculado à família que viria a construir. Todos esses papéis eram reforçados dentro da própria casa, pois a figura dos pais corroborava o propósito predisposto de que a figura feminina serviria, exclusivamente, para atender as necessidades do patriarca e dos filhos e, com isso, o “conceito de mulher construído segundo a cartilha do patriarcalismo foi marcado pelo cerceamento aos muros da casa, pelo silenciamento, pela maternidade incondicional, pela submissão” (ZOLIN, 2009, p. 107).

Algumas mulheres, já cansadas de ter uma vida configurada a satisfazer as vontades dos homens e não terem o direito de escolher os mesmos caminhos que eles, começaram a traçar estratégias para reivindicar a igualdade de determinadas atribuições. Assim, com a primeira onda feminista³ ocorrida durante o século XIX e início do século XX no Reino Unido e nos

³ A Primeira Onda Feminista foi marcada pelo ativismo cultural e político e sobretudo pela luta pelo direito ao voto, uma vez que as mulheres eram consideradas cidadãs de segunda classe (BONNICI, 2007).



Estados Unidos, o foco estava, em um primeiro momento, na igualdade de direitos para homens e mulheres em relação aos casamentos arranjados. Porém, no final do século XIX, o ativismo feminino passou a focar na conquista do poder político, em que ativistas como Voltairine de Cleyre⁴ e Margaret Sanger⁵, realizavam campanhas pelos direitos sexuais, reprodutivos e econômicos das mulheres desta época. Com o passar do tempo, as lutas passaram a englobar outros horizontes e, com isso, o foco passou para o combate às desigualdades sociais, culturais e políticas.

A poetisa Júlia da Costa, mesmo sendo um espírito que almejava a liberdade de tomar as próprias decisões e ocupar todos os espaços sociais, sobretudo no meio literário, se viu reclusa a uma vida infeliz ao lado de um homem rico trinta anos mais velho. Vencida pelos padrões impostos as mulheres de sua época, a poetisa se casou no ano de 1871 com o Comendador Costa Pereira, e levou para a relação a desilusão de um afeto não concretizado pelo poeta Benjamin Carvoliva. Na carta XII, endereçada ao amado, após o abandono dele, sem despedidas, Júlia desabafa sobre a sua tristeza e o desprezo pelo mundo: “O horizonte de nossa vida é vastíssimo. Não precisamos de riquezas da terra, nem dos incensos de um mundo que desprezamos”. Após quatro anos de um casamento infeliz, o grande amor da poetisa retorna a sua cidade e a troca apaixonada por meio de cartas recomeça. Escrevendo sempre escondida do marido e da família, foi Júlia que sugeriu que ambos fugissem para ficarem juntos longe de todos. Na carta XLIII, a poetisa faz uma proposta, ousada para os padrões de sua época, ao amado: “Se Deus demorar a realização do nosso sonho, então pisarei em todos os preconceitos da sociedade e serei tua embora no centro das florestas, longe do mundo, longe de tudo [...]”. Mesmo ciente dos problemas que poderia enfrentar, podendo ser rotulada socialmente como uma mulher adúltera, e, assim, sofrendo sanções por parte da sociedade, quem foge com medo da opinião pública é Carvoliva.

A poetisa rompeu com o papel feminino imposto no século XIX, trocou cartas com um homem que não era o seu marido, planejou uma fuga sem medo de ser julgada, porém, se viu novamente rendida ao medo de outro. E mais uma vez, contra a própria vontade, Júlia foi vencida pelos preceitos de sua época, não conseguindo realizar os seus anseios e viver o seu

⁴ Voltairine de Cleyre foi uma ativista americana.

⁵ Margaret Sanger foi enfermeira, sexóloga e escritora. Também era ativista do controle de natalidade americana. Ela foi alvo de diversas críticas relacionadas ao aborto, pois tinha ligação com a *Planned Parenthood Federation of America*, uma organização sem fins lucrativos fundada em 1916, em que oferece serviços, até hoje, de educação social e controle de natalidade, atuando de modo global.



amor, e se tornou refém de um casamento forçado, sendo obrigada a conviver com um homem que também não a amava.

3 Correspondência melancólica: as cartas de amor de Júlia da Costa

Todas as cartas de amor são ridículas. Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas. (Álvaro de Campos)

A troca de cartas entre a poetisa Júlia da Costa e Benjamin Carvoliva iniciou antes do casamento dela com o Comendador Costa Pereira. Todas as cartas, retratadas no estudo de Rosy Pinheiro Lima, sobre a vida da poetisa, foram transcritas de modo fiel a partir das originais cedidas pela família dela. Grande parte das cartas apresentadas no estudo mencionado não têm datas, o que dificulta o processo de ordem dos fatos. Em algumas cartas, é possível estabelecer uma cronologia dos acontecimentos: o início do romance, o primeiro rompimento por meio da fuga de Carvoliva, o seu retorno após o casamento da poetisa, a retomada do romance e novamente o abandono. Além da possibilidade de estabelecer a organização dos acontecimentos por meio das cartas enviadas pela poetisa ao amado, há também meios de fazer isso a partir das endereçadas a alguns membros familiares dela. Na maioria das correspondências trocadas com um tio e um primo, Júlia reafirma o seu descontentamento com a vida em diversos aspectos, mas sempre sem citar explicitamente o seu romance.

Todo o romance entre Júlia da Costa e Benjamin Carvoliva somente pode ser analisado pelas cartas escritas por ela. A ausência das cartas do seu destinatário se deu por parte da família dele, que não quis ceder para a dela e as destruiu. Este fato é comum nas cartas de amor, em que, pela interferência de terceiros, o corpus epistolar fica incompleto, ou seja, “Em matéria epistolar, os fantasmas são as cartas hoje perdidas, que não possuem senão uma existência hipotética, mas cuja presença virtual se deduz, certamente, através de outras cartas que fundamentam a sua existência” (DIAZ, 2007, p. 126). Diante disso, alguns fatos expostos nas cartas de Júlia, faz com que apenas pressuponhamos o acontecimento de algumas situações, como, por exemplo, na carta III, sem data, em que a poetisa indaga a ausência do amado, o que indica o momento de sua primeira fuga: “Emudeceste? Acaso iludi-te o coração? Quem sabe!”.



Em algumas das cartas de Júlia, observamos a necessidade dela em relação à manifestação do amado. Na carta XIII, sem data, ela faz um pedido: “Fala-me que te escuto... fala-me, fala-me sempre...”. Isto demonstra a importância da resposta do destinatário para a manutenção da relação nas cartas de amor, já que “[...] todo o episódio de linguagem que põe em cena a ausência do objeto amado – qualquer que sejam a causa e a duração – e tende a transformar essa ausência em prova de abandono” (BARTHES, 1981, p. 27). O envio da resposta demonstra a presença do objeto de amor e, a falta da carta, atesta a ausência e o abandono. Em outro momento, já com a carta respondida por Carvoliva, após um tempo, a poetisa o questiona, agora, sobre o seu distanciamento e frieza, já que as correspondências enviadas por ele não são mais longas como antes: “Felizmente hoje te posso escrever. [...] Não sei porque tuas cartas já não são tão expansivas; há nelas uma melancolia íntima que me rala o coração. Por que entristeces?” (Carta XIII, sem data). Isso demonstra que “O tamanho das cartas era um ponto delicado de negociação, que formava parte do contrato tácito entre os escritores. O ‘pacto epistolar’ exigia que uma carta longa fosse respondida em igual tamanho.” (LYONS, 1998, p. 7). A distância física que separa o casal apaixonado deveria ser suprida por meio de longas cartas de amor, fato que, em determinado momento, deixa de acontecer entre Júlia e Benjamin por parte dele, já que em várias cartas ela pede para que ele escreva mais.

As cartas da poetisa Júlia da Costa apresentam características comuns das do século XIX. Ao revelar o sentimento inerente entre dois sujeitos apaixonados, as correspondências da poetisa vão de encontro a um aspecto contundente das cartas do século XIX: “íntima, forçosamente íntima, é assim que o século XIX imaginará a carta: “As cartas são o verdadeiro suprassumo do pensamento íntimo!”, escreve Barbey d’Aurevilly em uma carta exaltada a Trébutien.” (DIAZ, 2016, p. 37). Sempre manifestando todo o seu apreço pelo sentimento nutrido pelo seu amado, a poetisa encerra, algumas cartas, reassumindo toda a sua vontade de viver o amor, como, por exemplo, nas cartas: “Adeus. Umedeço-te a fronte de beijos. Amo-te muito” (Carta XXIV, sem data) e “Adeus, anjo fiel do meu exílio; pensa em mim, e eu serei ditosa. Beijo-te a fronte cor do lírio, e os lábios cor da rosa (Carta XL, sem data).

Outra particularidade bastante frequente que se destacam nas cartas de Júlia da Costa é o extremo cuidado dela em relação ao momento de escrita e a entrega delas em lugares sempre diversificados, no intuito de que ninguém descobrisse o romance epistolar mantido com Benjamin Carvoliva. Isso se dá, pelo fato de que os



Rituais de namoro e a solidariedade familiar frequentemente impediam que as cartas de amor fossem escritas ou recebidas em particular. [...] Qualquer intimidade pessoal somente poderia ser trocada dentro das exigências das relações do grupo de origem e da família. (LYONS, 1998, p. 5)

Como a poetisa não tinha uma pessoa em quem confiasse, que soubesse do relacionamento, como a mesma confessou na carta VIII: “Nossa correspondência será sempre ignorada, enquanto a não divulgares. Só duas pessoas sabem do segredo; eu e tu;”, ela mesma depositava e buscava as cartas, geralmente em uma árvore oca. Na carta XXIV, também sem data, ela escreve: “Não me escrevas hoje porque eu não volto mais aqui, para não avivar suspeitas. Não imaginas o quanto mamãe está ríspida para comigo. Paciência.”. Já na carta IX, ela justifica o motivo pelo qual escreve a lápis, devido aos olhos cuidadosos de sua mãe, que jamais aceitaria um compromisso mantido apenas por correspondência: “Adeus. Desculpa escrever-te a lápis, há sobre mim vigilância extrema...”. Todas as cartas da poetisa revelam a sua cautela para que as correspondências não fossem descobertas e lidas por terceiros, já que isso seria um escândalo para a sua época.

Outra característica das cartas de amor de Júlia da Costa diz respeito à utilização frequente de vocativos para se referir a Benjamin Carvoliva. Os usos mais presentes, nas cartas analisadas, são: “Filho do meu coração” e “querido”. Isso ocorre, pois “Cartas são um meio altamente codificado. Formas específicas de cumprimento e despedida dão o tom da relação, encorajamento, familiaridade ou estabelecendo distância. (LYONS, 1998, p. 9).”, ainda mais no século XIX, já que isso fazia parte de um manual de etiqueta mais importante do que qualquer outra parte de uma carta.

Nas cartas de amor há todo o tipo de compartilhamento de memórias, como, por exemplo, o momento que deu início o romance. Além disso, o sonho de viver o amor e o planejamento de como isso poderia acontecer estão presentes. A declaração dos sentimentos, por vezes mútuos, ressoam em grande parte das cartas de amor entre dois sujeitos apaixonados. Nas cartas escritas por Júlia, há uma melancolia exacerbada, uma paixão assumidamente avassaladora, que a faz, por meio de poesias também enviadas ao amado, confessar todo o sentimento nutrido ao longo das trocas de correspondências: “Tua poesia é terna como teu coração. Bem desejava escrever-te longamente sobre ela, mas não posso. Creio na pureza do teu amor, creio em tudo que me dizes...” (Carta VI, sem data). As cartas de amor, conforme teoriza Martyn Lyons (1998), podem tornar-se objeto-fetichismo, em que o destinatário as carrega para reler diversas vezes e imaginar como o outro a escreveu. Nas enviadas por Júlia da Costa,



ela assume todo o seu contentamento em receber as letras das músicas escritas pelo amado, como podemos constatar na carta XXX: “A valsa que me mandaste é deliciosa; dá-se perfeitamente com o piano. Estás habilitado para escrever quantas quiseses.”.

O culto a paixão impossível de ser vivida, observada a partir das cartas enviadas pela poetisa Júlia da Costa ao amado Benjamin Carvoliva e, também, por meio de alguns poemas dedicados a ele, demonstra a incompletude nunca satisfeita entre ambos. A impossibilidade de viver o amor, fez com que a poetisa descarregasse todo o seu descontentamento com a vida, já que a relação não foi consumada pelo medo de Carvoliva em enfrentar os julgamentos da sociedade por namorar uma mulher cinco anos mais velha, além de que, possivelmente, estaria prometido ao sacerdócio. Na carta XL, Júlia exprime todo o seu sofrimento por ter sido abandonada por ele: “Saúdo-te, de minha solidão. Depois do infeliz contratempo que tão desastrosamente cortou a nossa correspondência, não passa uma só noite em que eu não procure uma missiva tua, mas, embalde me canso! Com esta, já são três cartas que te escrevo, sem obter resposta.”. De acordo com os dados biográficos sobre a vida da poetisa, quatro anos após o envio dessa carta, o poeta Benjamin Carvoliva reapareceu casado com outra mulher.

As cartas de amor de Júlia da Costa mostram “alguns instantes de uma vida, capturados pelo próprio sujeito e fixados no papel [...]” (DIAZ, 2016, p. 37). Todo o romance pode ser acompanhado pelas cartas enviadas por ela, que, mesmo sem o conteúdo do destinatário, é possível identificar os altos e baixos da relação. Assim, a poetisa descarrega o mais íntimo sentimento por meio de suas palavras e poesias, em que há, demarcadamente, todos os episódios felizes e tristes vivenciados da forma mais melancólica possível, como uma verdadeira alma romântica do século XIX.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poetisa Júlia da Costa viveu intensamente todos os momentos de sua vida. Como uma verdadeira amante do mundo, se lançou de corpo e alma ao seu relacionamento mantido por cartas e as poesias publicadas. Mesmo não correspondendo aos estereótipos femininos da sua época, acabou vencida pelos acontecimentos que marcaram a sua trajetória, como o casamento com um homem que não amava. Porém, até que fosse praticamente obrigada a viver parte de



sua vida presa a um casamento forçado, Júlia era uma alma livre, totalmente independente, mas sucumbida ao amor-paixão pelo poeta Benjamin Carvoliva.

As cartas de amor relevam um sujeito romântico do século XIX, que é inteiramente rendido e aprisionado a viver um amor que, por vezes, é improvável ou impedido de ser consumado. As almas românticas se veem predestinadas a submeter-se ao outro e as situações, derramando, por meio de palavras, uma carga emocional exacerbadamente melancólica, assim como Júlia da Costa em suas cartas.

5 Referências

- ABREU, Aline Letícia R. de. A escrita feminina na imprensa caxiense até 1920 em "O estímulo". In: ZINANI, Cecil J. A.; SANTOS, Salete R. P. dos. (Org.) **A mulher na história da literatura**: estudos da produção literária de escritoras da Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2015. p. 13-42.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.
- GINZBURG, Carlo. Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DIAZ, Brigitte. **O Gênero Epistolar ou o Pensamento Nômade**: Formas e Funções da Correspondência em Alguns Percursos de Escritores no Século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016. Tradução de Brigitte Hervot e Sandra Ferreira.
- DIAZ, José-Luis. **"Qual genética para as correspondências?"**. Manuscrita, 15. São Paulo: Humanitas, 2007. Tradução de Cláudio Hiro, com a colaboração de Maria Sílvia Ianni Barsalini.
- DUARTE, C. L. O cânone e a autoria feminina. In: Rita Terezinha Schmidt (org). **Mulheres e literatura**: (trans)formando identidades. Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.
- LIMA, Rosy Pinheiro. **Vida de Júlia da Costa**. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1953.
- LOBO, Luísa. **Literatura de autoria feminina na América Latina**. Rev. Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<http://www.openlink.com.br/nielm/revista.htm>> Acesso em 15 de janeiro de 2022.
- LYONS, Martyn. **"Práticas De Leitura, Práticas De Escrita: Cartas De Amor E Escritas íntimas – França E Austrália, século XIX"**. Locus: Revista De História 4, 1998 (2).



ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3ed. Maringá: Eduem, 2009.

